



UMA BREVE HISTÓRIA DA GEOGRAFIA: DA ANTIGUIDADE AO BRASIL DO SÉCULO XXI.

Cosme Jorge Patricio Queiroz

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cosmejorge@globocom.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever, de forma resumida, a evolução do pensamento geográfico, suas escolas e como a geografia é estudada no século XXI no Brasil. Ele tem início com os pensamentos de Estrabão no século I e mostra que durante 18 séculos ela, a geografia, continua com um caráter basicamente descritivo, onde as paisagens e formas do relevo possuem importância fundamenta. As principais mudanças no pensamento geográfico aparecem com a Escola Alemã e sua Geografia Determinista afirma que o homem seria efeito do meio, as circunstâncias naturais é que determinam a vida em sociedade. O homem seria escravo do seu próprio espaço. A Escola Francesa e seu pensamento Possibilista, acreditava na possibilidade de haver influências recíprocas entre o [homem](#) e o meio natural, vai influenciar boa parte do século XX. O século XX também é palco do surgimento de diversas escolas pelo mundo, como a americana, a geografia Crítica, dentre outras. No Brasil o maior expoente da geografia é Milton Santos, geógrafo baiano que tem seu trabalho reconhecido mundialmente. O século XXI traz novos pensamentos na geografia no Brasil. Um trabalho relevante é o apresentado por Brito, com uma abordagem diferente na forma de se estudar e utilizar os mapas. A metodologia aplicada é a pesquisa exploratório-descritiva e, utilizando-se como procedimento, a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: História da Geografia, Espaço, Lugar, Escolas da Geografia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve descrição da evolução da geografia como ciência. Demonstrar as mudanças do pensamento geográfico desde a antiguidade até os dias atuais.

A geografia é sistematizada como disciplina acadêmica no século XIX, porém sua história é muito mais antiga. Utilizando de observações astronômicas e de estudos filosóficos, Aristóteles foi o primogênito em classificar a Terra como uma esfera. No Império Romano ela era conhecida como “périplo”, possuía a função de descrever os portos, os caminhos/rotas os quais possuíam grande importância tanto para a organização do comércio como para a defesa militar do império. Como documentos comprobatórios que sobreviveram aos dias atuais temos dois textos históricos, o “Périplo do Mar Eritreu”¹ e “Periplo do cartaginês Hanão, o navegador”.

¹ Nome utilizado pelos antigos gregos para fazer alusão ao Mar Vermelho.



O geógrafo, filósofo e historiador grego Estrabão que viveu aproximadamente entre 64 a.C. e 24 d.C., considerado o precursor da geografia, deu os primeiros passos nas áreas que caracterizariam a nova ciência, a descrição, a relação com o homem e seus problemas.

Estrabão dizia que “A geografia familiariza-nos com os ocupantes da terra e dos oceanos, com a vegetação, os frutos e peculiaridades dos vários quadrantes da Terra; e o homem que a cultiva é um homem profundamente interessado nos grandes problemas da vida e da felicidade”. (MOREIRA, 2012, p.8).

Estrabão mostra a gênese da criação da geografia, seus entes e a natureza dos princípios que a norteiam. A ênfase dada ao homem, a felicidade e a terra entrelaçados com o tempo e a forma de agir, caracterizam a geografia até os dias atuais. Felicidade deve ser entendida como ações, estudos, teses da geografia que visam o bem estar, o avanço estrutural de uma sociedade. A história desta ciência mostra que nem sempre isto foi priorizado, a geografia também serviu como instrumento de dominação, de unificação de território. Yves Lacoste enfatiza bem quando fala que “A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”.

A geografia tem uma importância muito grande para a organização e domínio do espaço entre o século I e o século XVIII. Os mapas eram segredos de Estado durante as Grandes Navegações pois “escondiam” as riquezas de um império. Outra característica desse momento é a descrição das paisagens. É na Alemanha de 1754, ela só iria se unificar em 1871, que a geografia dá os primeiros passos para possuir o status científico com a discussão entre a geografia político-estatístico e a geografia pura.

[...] discussões entre as duas vias que surgem: a geografia político-estatística e a geografia pura. A primeira dá prosseguimento metodológico ao que vinha sendo a geografia desde os tempos de Estrabão, no século I, e ganha impulso com Bernardo Verenius, no século XVII. A segunda põe acento na questão dos limites naturais de um território, tema tipicamente da Alemanha de então e que virá despontar no fim do século XIX com Friedrich Ratzel, particularmente. (MOREIRA 2012, p. 18/19)

As duas vertentes da geografia trazem para si os grandes dilemas da implantação/fortalecimento do capitalismo na Alemanha, os problemas para a unificação do seu território que na época era muito fragmentado e diminuir o grau de diferença entre o seu



desenvolvimento econômico e científico com as duas maiores potências do momento, a Inglaterra e a França.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho tem como base a pesquisa exploratório-descritiva e, utilizando-se como procedimento, a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (2007) tem como objetivo possibilitar um maior conhecimento com o problema estudado, deixando-o mais claro ou construindo hipóteses. Normalmente estas pesquisas envolvem paradigmas que instigam a compreensão, levantamentos bibliográficos e entrevistas com quem teve acesso ao problema investigado.

A pesquisa exploratória também é aplicada para os primeiros estudos sobre o problema, a porta de entrada que dará o arcabouço teórico ao que se está investigando, propiciando que a pesquisa seguinte possa entendida com maior precisão e clareza. Ela permite ao pesquisador delimitar o seu problema de pesquisa e estabelecer suas hipóteses com maior exatidão. Segundo Triviños (2007) a pesquisa é caracterizada como descritiva quando ela requer do observador uma maior quantidade de informações sobre o que ele deseja pesquisar.

De acordo com Lakatos e Markoni (2010, p. 142), “a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. Por conseguinte, é indispensável a utilização e investigação dos principais autores dessa área.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

DISCUSSÃO E RESULTADOS

As bases da geografia que conhecemos e utilizamos atualmente, tem sua origem no século XIX. Ela nasce das universidades e das sociedades de geógrafos. A geografia física ensinada por Immanuel Kant na Universidade de Koensgsberg, tem sua origem herdada da geografia pura que



buscava uma sistematização nova para a filosofia, sua verdadeira área de atuação. Kante vê a geografia pela ótica da concepção artística, sofre influência da ideia de natureza como algo inorgânico. “Por meio da geografia, Kant procurava formar um conceito crítico da natureza e, por meio da antropologia pragmática, um conceito crítico do homem” (MOREIRA, 2012, p. 20).

Vale ressaltar que a Alemanha do século XVIII vive as angustias de passar do feudalismo para o status de nação e, desta nova forma, alcançar os principais impérios europeus, aqui já citados, França e Inglaterra. É neste caldeirão que surgem dois expoentes do que seria chamado de Geografia Determinista ou determinismo geográfico, Alexander Von Humboldt e Carl Ritter. “Na geografia, no entanto, as ideias deterministas tiveram no geógrafo alemão Frederic Ratzel seu grande organizador e divulgador, ainda que ele não tivesse sido o expoente máximo” (CORRÊA, 1991, p. 9).

“A visão positivista de causalidade introduz um empobrecimento na formulação ratzeliana que anula sua rica e complexa proposta de objeto. No equacionamento da problemática das influências, frente à normatização mecanicista, as condições naturais passam a ser vistas como lócus da determinação, como elemento de causação a partir do qual a história humana se movimenta. A sociedade passa a ser vista como elemento passivo, que apenas reage a uma causalidade que lhe é exterior. O homem torna-se, assim, efeito do ambiente (MORAES, 1990, p.13).

Naquele momento histórico a Alemanha precisava se afirmar como potência europeia, a geografia cria as condições para tal fato, seja incorporando territórios por meio da guerra ou de cooperação interna com as demais formas de sociedade. O chamado espaço vital propicia uma das duas formas de interagir: cooperação histórica ou de conflito.

A geografia alemã tem uma importância muito grande na criação da geografia francesa, pois é dela que é retirada o seu conteúdo. Porém existem outras semelhanças, a geografia francesa também tem suas bases nas sociedades geográficas como de Paris, que era presidida por Malte-Brun. A primeira grande influência inicia-se com Elisée Reclus no meado do século XIX, Paul Vidal de La Blache é um dos seus expoentes a partir das últimas décadas do século XIX, já na fase universitária.



A consolidação do possibilíssimo pode ser visto nas palavras de ORTIZ (1991, p. 38-39) “A constituição da nação requer a emergência de uma consciência que solde os franceses no interior de um mesmo território. [...] a consolidação de uma memória coletiva é um produto recente da História.” Quando se valoriza a história, as tradições, contesta-se a hegemonia do positivismo e a proposta das leis naturais para a sociedade

“Vidal de La Blache propõe um novo método à geografia, inserindo uma perspectiva histórica e funcional. As relações homem-meio são encaradas, por essa ótica, com uma abordagem recíproca e harmônica. Além de receber influências de seu ambiente, o homem se apresenta como fator geográfico, transformando a fisionomia da paisagem a partir das possibilidades que cada meio oferece”. (FABRICIO; VITTE, 2011, P. 320)

O determinismo geográfico olha o ambiente natural como um fornecedor de perspectivas que podem ser modificados, moldados pelo homem, este, o principal agente geográfico. O conhecimento, a identidade social de vida não possui ligação direta com o meio ou as condições ambientais, e sim ao uso prático das técnicas disponíveis, ao desenvolvimento dos grupos sociais e econômicos, em suma, o homem sobrepõe o meio.

A virada do século XIX para o XX marca uma nova mistura entre a geografia acadêmica e a geografia colonial com cunho imperialista, comercial. A acadêmica passa a transmitir, através do ensino escolar, uma lógica utilitária e naturalista, a natureza é estudada com ênfase na sua influência sobre a economia, o homem pela ótica populacional e sua influência no consumo e mão de obra e a economia como ponto culminante do processo. Isto não significa a morte da geografia de Estrabão, “o grande problema da vida e da felicidade” que vai sempre se contrapor a visão socialista. Estas contradições veem à tona na segunda metade do século XX.

No meado do século XX, em plena Guerra Fria surge a nova geografia ou geografia quantitativa, ela possuía uma visão matemática do mundo. Esse ramo da geografia encobria a ideologia do expansionismo capitalista sem mostrar as realidades sociais. Ela representava interesses de países como Inglaterra e Estados Unidos.

A geografia quantitativa apresenta duas dimensões: o reducionismo que é um empenho em concretizar os fenômenos naturais e de suas relações com os aspectos sociais que segundo alguns



autores é uma forma de colocar os fenômenos naturais nos sociais, naturalizando as relações sociais e, o feiticismo espacial, que diz respeito a formalização geométrica do espaço.

Na França, no início dos anos de 1950, a geografia acadêmica tenta se reergue nas bases de Vidal de La Blache, tendo como base os geógrafos de cunho socialistas, sendo uma das grandes expressões Pierre George. Ele deixa de dividir o mundo entre os continentes e passa a entender como um sistema econômico/social dividido entre capitalistas e socialistas que se subdividiam em desenvolvidos e subdesenvolvidos. Na literatura escolar, no Brasil, essa influência é vista até os dias atuais, os livros, na sua grande maioria, ainda apresentam esta divisão, com maior ou menor ênfase, dependendo do autor. Segundo Moura (2008), pode ser encontrada uma das raízes da geografia crítica nas fileiras progressistas da geografia regional francesa, que introduz a análise da organização espacial ao sistema econômico e social.

Yves Lacoste, um dos discípulos de George, aprofunda o rompimento com o naturalismo. Sua obra clássica Geografia do Subdesenvolvimento de 1965 enraíza o entendimento entre capitalistas e socialistas, desenvolvidos e subdesenvolvidos, desaparece a questão continental e é dada maior importância a questões econômicas e sociais de existência relacionadas com a transformação e distribuição de recursos da natureza. A essência da geografia está no quadro econômico/social em que vive cada sociedade e recebe o nome de Geografia Ativa ou Geografia Crítica. A geografia crítica coloca-se como “uma revolução que procura romper, de um lado, com a geografia tradicional e, de outro, com a geografia teórico-quantitativa” (Corrêa, 2001: p. 23). Está “revolução” provocou grandes embates entre geógrafos pró e contra o marxismo.

A Geografia Crítica diferencia-se das demais correntes do pensamento geográfico baseada nos pressupostos da criticidade e engajamento.

Por criticidade se entendia uma leitura do real -- isto é, do espaço geográfico -- que não omitisse as suas tensões e contradições, que ajudasse enfim a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E por engajamento se pensava numa geografia não mais "neutra" e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais. (CARDOSO, 2016.)



Cardoso explica que a geografia perde a neutralidade e aprofunda os estudos sobre os problemas sociais, ela nasce dentro de uma conjuntura de reavaliações de ideias e valores, em um delicado momento da política brasileira e mundial.

No Brasil a influência de George e seus discípulos podem ser vistas em palestras no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE na década de 1970.

[...] destacar que o interesse dos brasileiros por George ocorreu também por intermédio do maior centro de produção geográfica do país no século XX, o IBGE. Como resultado de suas palestras e cursos na instituição, em 1970 editou-se a obra Pierre George [...] É o caso do artigo de Pedro Pinchas Geiger Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro, de 1960, que dialoga com George em diversos momentos a fim de compreender a dinâmica do urbano em termos históricos e geográficos. (RAMÃO, 2013, p. 36-37).

Observa-se a essência da Geografia Ativa/crítica nos temas abordados: a população e a organização do espaço, o desenvolvimento econômico, a produção agrícola, pelo maior centro oficial de estudo da geografia no Brasil, o IBGE. No Brasil, o maior nome da geografia crítica é Milton Santos, porém são importantes também Armando Corrêa da Silva, Armen Mamigonian, entre outros.

A geografia crítica contesta as categorias da geografia francesa, já citadas anteriormente, por estas não atenderem as necessidades vividas no terceiro mundo. No Brasil ela floresce na metade da década de 1970, devido a diversos fatores como a volta dos exilados devido a anistia política, a flexibilização rumo a democracia demonstrada com a queda do AI-5, o surgimento de vários partidos políticos com a quebra do bipartidarismo. Estes fatores impelem as entidades civis a participarem do processo.

A década de 1980 e o início da década de 1990 é marcada por um crescimento das publicações voltadas para o ensino do primeiro grau e do ensino médio. As discussões acadêmicas são comandadas pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, só depois iniciadas nas



universidades. Nos dias atuais, a geografia crítica ainda é estudada, sobretudo nas escolas da educação básica, porém, com uma força reduzida, se comparada com as décadas passadas.

No mundo e no Brasil do século XXI discute-se as geografias humanística, também chamada de cultural e a geografia ambiental. A primeira valoriza a experiência do indivíduo, ela procura entender as relações dos grupos sociais com os lugares com a finalidade de entender seus valores e comportamentos. A segunda procura descrever os aspectos espaciais entre o homem e o mundo natural, dando ênfase aos aspectos tradicionais da geografia física e a definição do ambiente pela sociedade. Ela estuda o desmatamento, as mudanças climáticas globais, aumento no nível dos oceanos, ou seja, os efeitos das ações do homem sobre o ambiente.

Uma importante contribuição para o avanço do entendimento da geografia foi dada por Brito (2013) em sua tese de doutorado. Ele aborda uma nova forma de olhar sobre a cartografia através da reversão: análise crítica dos mapas, subversão: alternativas ao quadro-mapa e transgressão e singularidades cartográficas.

[...] objetivo investigar, numa perspectiva teórica, a análise crítica da cartografia e suas potencialidades, enquanto linguagem, na mediação da construção e sistematização do conhecimento. A trilha investigativa está fundamentada na teoria crítica ao mapa e nos redimensionamentos e ampliações dos conceitos, em especial o de geotecnologias como capacidade de humana de apresentar, representar, interpretar e analisar o espaço com a mediação dos mapas, e o de cartografia como um processo e não como um produto, substrato ou suporte, bem como na construção do entendimento da convergência cartográfica. A reversão cartográfica é apresentada como um processo relacionado ao reposicionamento teórico-metodológico da utilização dos mapas, e a subversão e transgressão se reportam às novas potencialidades da sua utilização nos processos formativos, nos mapeamentos colaborativo-participativos, e em outras transgressões. (BRITO, p. 8, 2013)

Brito busca uma nova forma de olhar a cartografia, apresentando críticas e sugestões para uma nova abordagem em sala de aula e na vida prática. Conceitos como globalização e geotecnologias aparecem com uma nova abordagem, fugindo do viés tecnicista/quantitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo abordar o processo de desenvolvimento do pensamento geográfico, nas suas mais variadas escolas. Trazendo a evolução e o empoderamento dos conceitos pela ciência que cria vida própria com Estrabão, porém sempre jovem e atualizada em seus paradigmas.



Por uma organização da pesquisa, não foram apresentadas todas as escolas e pensamentos geográficos, apenas aqueles mais pertinentes para este trabalho. Vale ressaltar que não ser citado, não representa uma menor importância dentro do cenário da geografia.

É importante evidenciar a importância das escolas geográficas dos séculos XIX e XX. O século XIX rompe de vez com a chamada geografia descritiva e busca novos cenários para um mundo em plena transformação. O século XX com a expansão do capitalismo, o surgimento dos países socialistas e suas duas Grandes Guerras, dá uma nova roupagem a geografia e ao mundo. O espaço passa a ser visto por ângulos nunca antes estudados.

Seja qual for o ramo que o leitor mais se identificar, o mais importante é que a geografia continua seu processo de crescimento, desenvolvimento. Buscando sempre novos caminhos, novas explicações e perguntas que ajudem a definir o homem e sua relação com o local/lugar/espaço.

REFERÊNCIAS

BRITO, Francisco J. de O., *Análise Crítica da Cartografia: Potencialidades do uso de Mapas na Contemporaneidade*, 2013.

CARDOSO, JACKSON, *Geografia Ativa: Visando a construção de uma geografia contextualizada, em busca de disseminar conhecimento. Abordando todas as maneiras de estudar a Geografia*, 2016. Disponível em <http://geografiaativaporjackson.blogspot.com.br/2016/03/o-que-e-geografia-critica.html>. Acessada em 03 mai de 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I.E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R.L. (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FABRÍCIO, D. C. B., VITTE, A. C., Paul Vidal de La Blache e a Geografia Francesa: do contexto histórico às monografias urbanas, *Cordis. História, Arte e Cidades*, nº 6, jan/jun. p. 301-332, 2011. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/viewFile/10302/7691>. Acessada em 25 de abr de 2016.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAES, A.C.R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1990.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MOREIRA, R., O Que é Geografia, --2ª reimp. Da 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 2012.—(Coleção Primeiros Passos; 48).

ORTIZ, Renato. Cultura e modernidade: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROMÃO, F. DE S., A Geografia de Pierre George e a Questão ambiental: Considerações Iniciais, Revista Continentes (UFRRJ), ano 2, nº 3, 2013. Disponível em <http://r1.ufrj.br/revistaconti/pdfs/3/ART2.pdf>, acessada em 27 de abr de 2016.